

NA SOLITÁRIA

Quatro décadas de confinamento,
resiliência, transformação e esperança.

ALBERT WOODFOX
com Leslie George



ALTA BOOKS
EDITORA
Rio de Janeiro, 2022

Sumário

Agradecimentos	ix
Prólogo	xvii
Capítulo 1 No Começo	1
Anos 1960	
Capítulo 2 Os High Steppers	11
Capítulo 3 Perseguição de Carro	19
Capítulo 4 Angola, Anos 1960	23
Capítulo 5 Tempo de Cadeia	31
Capítulo 6 A Condicional e a Volta	39
Capítulo 7 Mestre Assaltante	45
Capítulo 8 Tony's Green Room	51
Capítulo 9 Fuga	55
Anos 1970	
Capítulo 10 O Partido dos Panteras Negras	63
Capítulo 11 O que É o Partido?	67
Capítulo 12 Motim na Penitenciária da Cidade de Nova York	73
Capítulo 13 Reféns	79
Capítulo 14 Angola, 1971	83

Capítulo 15	Herman Wallace	91
Capítulo 16	17 de abril de 1972	97
Capítulo 17	A CFR	103
Capítulo 18	A Chegada de King	113
Capítulo 19	Guerras na CFR	115
Capítulo 20	Meu Julgamento, 1973	127
Capítulo 21	Julgamento de Herman, 1974	143
Capítulo 22	King É Incriminado	151
Capítulo 23	Gary Tyler	155
Capítulo 24	Passagem de Alimentos	159
Capítulo 25	Minha Maior Conquista	163
Capítulo 26	A Guerra da Revista Pessoal	167
 Anos 1980		
Capítulo 27	“Te Peguei!”	177
Capítulo 28	Chamada Médica	187
Capítulo 29	A Busca e a Farsa do Conselho de Reclassificação	191
Capítulo 30	Camaradas	197
Capítulo 31	Visita com Contato Físico	203
Capítulo 32	Maturidade	209
 Anos 1990		
Capítulo 33	Justiça Adiada É Justiça Negada	215
Capítulo 34	Minha Maior Perda	223
Capítulo 35	Preparação para o Meu Julgamento	229
Capítulo 36	Amite City	235
Capítulo 37	Os Ativistas	241
Capítulo 38	Meu Julgamento, 1998	245
Capítulo 39	De Volta a Angola	255

2000–2010

Capítulo 40	Ficamos Juntos	265
Capítulo 41	Prova Oculta	269
Capítulo 42	King Sai da Barriga da Besta	279
Capítulo 43	Tortura no Camp J	283
Capítulo 44	Cruel e Incomum	293
Capítulo 45	“Você Ainda Está São?”	303
Capítulo 46	2008	309
Capítulo 47	Nunca Distante	337

2011–2016

Capítulo 48	Tortura	349
Capítulo 49	Quarenta Anos	353
Capítulo 50	Homem de Aço	361
Capítulo 51	Os Fins da Justiça	381
Capítulo 52	Teorias	397
Capítulo 53	A Luta Continua	403
Capítulo 54	Um Pedido por Liberdade, Não Justiça	407
	Epílogo	415
	Índice	425

Capítulo 1

No Começo

Nasci na ala “negra” do Charity Hospital em Nova Orleans, no dia seguinte ao Mardi Gras, dia 19 de fevereiro de 1947. Minha mãe, Ruby Edwards, tinha 17 anos. Meu pai desaparecera. Ela me contou que ele a deixou porque morava do lado errado dos trilhos. Moramos em Nova Orleans até os meus 5 anos e minha mãe se apaixonou por um homem chamado James B. Mable, um chef da Marinha norte-americana. Ele foi o primeiro e único homem que chamei de Papai. Eles se casaram e tiveram outros quatro filhos, uma menina e três meninos.

A família se mudou seis ou sete vezes para diferentes bases navais nessa época. O trabalho de Papai era alimentar a tripulação de qualquer navio ao qual fosse designado. Ele costumava me levar junto nos finais de semana, quando o pessoal da Marinha tinha permissão de levar a família. Eu me lembro de caminhar até a extremidade de um porta-aviões para ver a água e ele me agarrar pela camiseta para que eu não fosse levado pelos fortes ventos.

Fui uma criança rebelde. Quando tinha 7 ou 8 anos, desafiei minha mãe para uma luta. “Eu ganho de você”, disse a ela. “Se eu ganhar, você terá que usar um vestido durante um dia inteiro”, respondeu. Era o pior castigo que eu podia imaginar, mas concordei. Em poucos segundos ela me imobilizou. Não sei onde conseguiu o vestido, mas eu o usei. Pelo menos estava mantendo minha palavra, disse ela. “Um homem não é nada sem sua palavra”, afirmou. Escutei isso a infância inteira.

Minha mãe foi meu mundo durante algum tempo. Orgulhosa, determinada e linda, ela cuidou de nós. Não sabia ler nem escrever, mas sabia somar e subtrair e era boa com dinheiro; conseguia esticá-lo até o último centavo. Crescendo no Sul sob as leis de Jim Crow, tinha bastante prática em sobreviver

com muito pouco. Quando Papai tinha folga, ficávamos na pequena fazenda de seus pais, onde ele crescera, em La Grange, Carolina do Norte. Lá, meus avós plantavam melancia, repolho, milho, tabaco e batata-doce. Nos fundos havia um galinheiro e, mais atrás, uma floresta onde colhíamos morangos silvestres. Minha avó adorava pescar, mas tinha medo de barcos. Eu era o único em quem ela confiava para remar seu barco rio adentro, que chamávamos de bayou,¹ por minha mãe ser da Louisiana.

Minha avó me ensinou a limpar e cozinhar o peixe que pescávamos, e a cuidar da fazenda. Eu alimentava as galinhas e trabalhava nos campos. Muito novo, aprendi a conduzir uma tropa de mulas. Sempre que “colhíamos tabac” eu conduzia uma carroça puxada por uma mula, estreita o suficiente para passar entre as fileiras de tabaco. As laterais da carroça eram feitas de retalhos de sacos de juta pregados aos pilares que se destacavam das quinas. As mulheres no campo arrancavam as folhas e as colocavam no chão da carroça. Quando enchia, eu a conduzia até o galpão de cura onde as mulheres amarravam e penduravam o tabaco em tacos, que eram então colocados dentro do galpão em suportes. Assim que o galpão ficava cheio, o aquecimento era ligado e o tabaco era curado antes de ser embalado e vendido para as fábricas. Quando eu tinha 9 ou 10 anos, pegava carona para ir e voltar de um trabalho em uma fábrica de tabaco em Winston-Salem, 270km para ir e mais 270km para voltar. Às vezes os motoristas puxavam conversa, outras vezes, não. Meu trabalho era ajudar a rolar os barris de tabaco até uma balança. Várias crianças da minha idade trabalhavam lá.

Quando fiz 11 anos, tudo mudou. Papai foi obrigado pela Marinha a se aposentar depois de 25 anos e nos mudamos para La Grange definitivamente. Ele passou de chefe suboficial mestre, a posição de oficial não comissionado mais alta que podia ser alcançada na Marinha, a um homem negro que morava em uma fazenda na Carolina do Norte. Sem a responsabilidade e o respeito que recebera na Marinha, acabou perdendo a autoestima. Começou a beber e a descontar sua raiva e frustração na minha mãe. Papai nunca bateu em mim nem nos meus irmãos ou irmã. Ele batia na minha mãe. E, quando o fazia, ela gritava e tentava revidar, mas era uma mulher pequena. Ele a subjugava com seu tamanho e sua força. Nunca sabíamos quando ele explodiria de raiva e amargura. Não tínhamos nenhum sinal antecipado de como ele reagiria a um dia

¹ N. da T.: Termo utilizado no Sul dos Estados Unidos para se referir a rios.

qualquer, então vivíamos em constante confusão e medo. Um dia ele deu uma surra tão grande na minha mãe que as irmãs dele apareceram e disseram que temiam pela vida dela. Disseram que, se ela não fugisse, ele talvez a matasse. Minha mãe não queria ir, mas uma parte dela sabia que estaria em perigo se ficasse com Papai. Mais cedo ou mais tarde, a violência empregada contra ela poderia ser direcionada contra seus filhos. Ela planejou secretamente com as irmãs de Papai para nos pegar e fugir. Devido à sua educação e experiência limitadas, o único lugar em que se sentia segura era Nova Orleans, onde nasceu e foi criada. Portanto, esse seria seu destino.

No dia em que Mamãe planejou nossa partida, Papai estava pronto para sair de casa quando minha irmã Violetta, com 5 anos, disse que queria ir com ele. Meu irmão James, que tinha 3 anos, também quis ir. Mamãe falou com Violetta: “Por que não fica em casa, Vi? Eu acho que você deveria ficar.” Ela era a favorita de Papai e ele disse que podia ir com ele. James também. Ficamos olhando enquanto eles saíam porta afora. Mamãe se virou para minhas tias e disse: “Num vô. Não sem meus filhos.” Elas enfatizaram com a máxima veemência possível que ela precisava ir porque sua vida e as de seus filhos dependiam disso. Prometeram que alguém levaria Vi e James para ela em seguida. Foi a decisão mais difícil que minha mãe já tomou. Ela levou meu irmão Haywood, que tinha 2 anos, o bebê, Michael, que ainda não tinha completado 1 ano, e eu para a estação de ônibus Greyhound. Embarcamos no ônibus e fomos até Nova Orleans sem James. Mamãe passou o caminho todo em meio a crises de choro. Estava cheia de raiva, medo e remorso porque achava que tinha abandonado seus dois filhos, mesmo sabendo que os veria dali a poucos dias ou semanas. Ela nunca imaginou que anos se passariam antes de vê-los novamente. Se soubesse, nossas vidas seriam diferentes, porque ela nunca teria fugido.

Na estação em Nova Orleans, Mamãe ligou para seu irmão de um telefone público. Tio Joe foi nos buscar com tia Gussie. Eles nos levaram até uma casa que ela estava alugando. Nunca me esquecerei do endereço: Rua North Villere nº 918, na comunidade Sixth Ward. Lá, tia Gussie nos conduziu por um longo corredor até dois pequenos quartos nos fundos. Um deles tinha uma lareira e se transformou em nossa cozinha improvisada. Mamãe colocou um beliche para mim e meus irmãos. E o outro cômodo, transformou em seu quarto. Para usar o banheiro, tínhamos que sair pela porta da frente e contornar a casa até o quintal dos fundos. Ele ficava em um quatinho anexo atrás da casa. Havia uma banheira em um quatinho que separava a cozinha da tia Gussie dos nossos dois

quartos, mas minha mãe sempre nos fazia tomar banho em uma grande tina de metal na nossa cozinha. Ela aquecia água no pequeno fogo e despejava para nós na tina. Havia um balde no canto que usávamos como banheiro temporário durante a noite. Colocávamos óleo de pinho nele para reduzir o fedor. Uma de nossas obrigações toda manhã era esvaziá-lo.

A cidade de Nova Orleans é constituída de divisões (chamadas Wards) e morávamos na Sixth Ward, também chamada de Treme. Era um bairro negro naquela época, uma mistura de classe trabalhadora e pessoas pobres. Nós morávamos na parte pobre. A Claiborne Avenue era a rua mais movimentada de Treme, pois a maioria dos negócios da Sixth Ward ficavam lá. Era a nossa própria Canal Street, a principal área comercial de Nova Orleans. Pequenos comércios de proprietários negros, como mercearias, salões de beleza, lojas de roupa, lavanderias, barbearias, padarias e bares, se enfileiravam na Claiborne. A parte central da avenida era coberta de grama e árvores e era chamada de “zona neutra”. Era o local favorito de reunião dos moradores do bairro durante a época do Mardi Gras e outros grandes feriados. Todos montavam churrasqueiras e faziam piqueniques na zona neutra. Depois da aula, meus amigos e eu jogávamos futebol americano lá, às sombras das árvores que ladeavam a Claiborne.

Quando não estávamos brincando na zona neutra, jogávamos stickball, similar ao jogo de taco, na rua. Se não estivesse muito calor, as crianças jogavam descalças, poupando os sapatos para ir à escola. Quase todas as casas da Sixth Ward eram iguais, nós as chamávamos de “casas espingardas”. Se você disparasse uma espingarda pela porta da frente, o projétil sairia pela porta dos fundos. Nossa casa era uma espingarda de cano duplo. Toda casa da rua tinha uma pequena varanda ou degraus na frente onde as pessoas se reuniam. Os postes telefônicos ficavam em ambos os lados da rua com seus cabos cruzados entre eles. Não havia um prédio alto à vista, exceto por um campanário de igreja aqui e ali e pela Escola Fundamental Joseph A. Craig. Toda casa tinha um beco lateral com uma cerca. Meus amigos e eu pulávamos as cercas para cortar caminho de uma rua para a outra. Posteriormente, fazíamos o mesmo para fugir da polícia.

Minha mãe queria o melhor para nós, mas, como era analfabeta funcional, não conseguia o que se considerava um emprego normal. Então fazia bicos e o que

mais fosse necessário para nos sustentar, e às vezes isso incluía se prostituir. Com apenas 28 anos quando voltamos para Nova Orleans, e apesar de ter tido cinco filhos, minha mãe ainda era uma mulher muito bonita. Trabalhou em bares e casas noturnas como barwoman, fazendo malabarismos com garrafas e lidando com bêbados. Fora de casa havia pobreza, mas dentro dela minha mãe criara um oásis. Sempre ganhou dinheiro suficiente para nos comprar roupas, colocar comida na mesa e pagar o aluguel à tia Gussie. Ela se preocupava muito com o fato de termos roupas do tamanho certo. A maioria das crianças com quem cresci usava roupas de segunda mão grandes ou pequenas demais para elas. Algumas usavam calças que acabavam nos tornozelos. Falávamos que elas estavam “esperando a enchente”. Mamãe nos disse que ela queria que nossa vida fosse melhor do que a que teve quando criança. Sempre comprava algo novo para que usássemos no primeiro dia de aula. Só percebi os sacrifícios que fazia para suprir nossas necessidades básicas quando já estava bem mais velho.

Ela costumava dizer: “Não quero que meus filhos façam o que eu preciso fazer para ganhar a vida.” E: “Quero que meus filhos tenham uma vida melhor.” Mas às vezes nossa necessidade de sobreviver à pobreza atrapalhava. Quando o dinheiro era curto e não havia comida em casa, eu roubava pão e comida enlatada. Nunca me pareceu um crime, era sobrevivência. Em todos os outros aspectos, dávamos um jeito. Para algumas refeições, tia Gussie e eu pescávamos perca ou tainha no Bayou St. John. Se meus sapatos estivessem com a sola furada, eu colocava uma camada de jornal por dentro para poder usá-los durante mais algum tempo. Mas eu era orgulhoso, não queria que ninguém visse os buracos nos meus sapatos. Quando era hora de ajoelhar na igreja, eu me agachava e encostava apenas um joelho, para poder manter o sapato furado com a sola totalmente no chão e ninguém atrás de mim conseguir ver os buracos. Um dia, uma freira foi até o final do meu banco e falou alto para que eu ajoelhasse com os dois joelhos. Quando me recusei, ela me mandou ir para o corredor entre os bancos. Caminhei até onde ela estava e, mais uma vez, ela me mandou ajoelhar. Agora todos olhavam para mim. Se eu me ajoelhasse, toda a congregação atrás de mim veria os meus sapatos furados, então me recusei. Ela agarrou meu colarinho e tentou me forçar a ficar de joelhos. Quando resisti, ela me falou para ir embora. Voltei à igreja outras vezes com minha mãe, mas nunca me esqueci da crueldade dessa freira.

Tia Gussie frequentava uma igreja batista. Às vezes me levava a um show gospel de lá, e eu gostava das harmonias e das vozes. Tia Gussie costumava me dar um dólar toda quinta-feira para ir comprar uma “vela abençoada” na igreja. Um dia, no caminho para buscar sua vela, vi o pastor na loja da esquina. Ele segurava uma caixa cheia de velas, que custavam cinquenta centavos cada. Eu o segui. Queria vê-lo abençoar as velas e esperava que realizasse algum tipo de cerimônia ao chegar à igreja, mas ele só tirou as velas da caixa e as colocou na mesa para que as pessoas as comprassem por um dólar. Isso foi um choque, porque naquela época cinquenta centavos era muito dinheiro.

Nunca acreditei em Deus, mesmo quando criança. Não entendia a ideia de um ser todo-poderoso. Mas sempre me considerei espiritualizado. Para mim, a espiritualidade é um sentimento de conexão além de si mesmo. Tínhamos uma velha cadela chamada Trixie e, às vezes, eu sentia como se soubesse o que ela pensava. Para mim, isso era algo espiritual.

Durante o dia, meus irmãos e eu às vezes ficávamos sozinhos. Minha mãe podia estar dormindo para curar a ressaca ou exausta demais para levantar depois de trabalhar a noite toda. Muitas vezes ela só chegava em casa às 6h da manhã. De vez em quando, eu entrava escondido em seu quarto depois que ela dormia para esconder o dinheiro que tinha ganhado naquela noite, assim seu namorado não o pegaria caso aparecesse naquele dia. Não adiantava muito. Quando minha mãe se apaixonava por um homem, ela lhe dava tudo o que tinha, incluindo dinheiro.

Tia Gussie cozinhava e nos ajudava. Todos tínhamos afazeres, limpávamos o chão, passávamos nossas roupas. Lembro-me de passar roupa com um ferro antigo que era aquecido no fogão. Aprendemos a nos cuidar; sempre cuidávamos uns dos outros. Quando eu tinha 12 anos, nasceu meu irmãozinho Donald. Seu pai era um oficial da Marinha Mercante chamado Pete, que teve um relacionamento instável com minha mãe por muitos anos.

Tudo naquela época era segregado entre brancos e negros. Pessoas negras não tinham permissão para entrar em muitos lugares por causa das leis de Jim Crow. No cinema, só podiam se sentar na galeria. Éramos proibidos de nos sentar nos lugares do andar de baixo. Não podíamos ficar no saguão ou no balcão da bomboniére. Para comprar pipoca ou qualquer outra guloseima tínhamos que

esperar ao lado da porta do saguão até que um lanterninha branco passasse para que pudéssemos entregar nosso dinheiro e fazer o pedido. Ele voltava com o troco e o doce ou a pipoca, ou qualquer coisa que tivesse sobrado na bomboniére.

Eu só tinha contato real com pessoas brancas quando íamos ao Bairro Francês ou à área comercial na Canal Street. Da primeira vez que senti que uma pessoa branca poderia ser uma ameaça para mim, eu estava em um ponto de ônibus na esquina da Dumaine com a Villere junto de minha mãe quando dois policiais brancos passaram em uma viatura. Ela colocou a mão no meu ombro de um jeito protetor e me colocou atrás de si. À medida que cresci, notei que os brancos chamavam negros adultos de “rapaz” ou “mocinha” e pude perceber o desrespeito camuflado.

Eu tinha cerca de 12 anos quando um branco me chamou de crioulo pela primeira vez. Eu estava esperando com outras dezenas de crianças no final da parada do Mardi Gras atrás do Auditório Municipal, onde os destaques dos carros alegóricos, que eram todos brancos naquela época, distribuíaam os colares de contas ou enfeites que sobravam. Em um dos carros, o homem que distribuía as bugigangas estava segurando um colar de contas peroladas muito lindo. Achei que seria um ótimo presente de aniversário para minha mãe, então chamei: “Ei, senhor! Ei, senhor!”, e estiquei o braço. Ele apontou para mim enquanto segurava o colar acima da cabeça e o arremessou em minha direção. À medida que o colar se aproximava, eu estiquei a mão e uma menina branca ao meu lado esticou a dela e pegamos o colar ao mesmo tempo. Eu não larguei. Gesticulei para o homem na alegoria e falei para ela: “Ei, ele jogou esse para mim.” Disse que queria dá-lo à minha mãe. Ela olhou para o homem da alegoria, que ainda apontava para mim, e arrebitou o colar me chamando de crioulo. Nunca me esquecerei da dor que senti quando aquela menina branca me chamou de crioulo.

Naquela época, a maioria dos policiais eram brancos. Passavam por nosso bairro e levavam homens negros que estivessem de pé nas esquinas, acusando-os de vadiagem ou vagabundagem, para cumprir a meta de prisões. Uma vez sob custódia, ninguém sabia quais acusações seriam feitas a eles. Meus amigos e eu sabíamos que seria o que os policiais quisessem. Sempre soubemos que eles levavam os homens do nosso bairro apenas por serem negros, mas nunca conversamos sobre o assunto. Não teríamos conseguido articular o racismo mesmo

se tentássemos. Não compreendíamos sua profundidade e sofisticação, apenas absorvíamos o mistério que o cercava.

No sexto ano frequentei uma aula de estudos sociais, na qual aprendi meu lugar no mundo. Tínhamos uma professora afro-americana para uma turma de crianças negras que moravam no mesmo bairro negro, e usávamos um livro didático que só retratava o que acontecia na parte branca dos Estados Unidos. As figuras e histórias do livro não tinham nada a ver com a nossa realidade. Não foi a primeira vez que tomei ciência de que os brancos tinham uma vida melhor. Mas foi a primeira vez que me ocorreu que todo mundo sabia disso. Foi a primeira vez que entendi que havia algo extremamente errado com o mundo e ninguém tocava no assunto.

Nessa mesma turma de estudos sociais, aprendi que mulheres como minha mãe, que trabalhavam em bares, eram consideradas uma vergonha para a sociedade. Sempre detestei os homens que minha mãe levava para casa, mas até frequentar essa aula nunca a julguei, era apenas um modo de vida. Comecei a menosprezá-la. Não percebia na época que ela não teve escolha, que trabalhava em bares para cuidar de mim e dos meus irmãos, e fui implacável. No fundo nunca parei de amar minha mãe, mas também a odiei. Um dos meus maiores arrependimentos é ter me permitido acreditar que a mulher mais forte, bonita e poderosa da minha vida era insignificante.

Nessa mesma época também comecei a ouvir histórias sobre homens da Ku Klux Klan linchando pessoas negras. Como todos os negros, eu tinha pavor da Klan. Não me aventurava muito na comunidade branca. Na maior parte do tempo, eu e meus amigos ficávamos nos bairros negros de Nova Orleans. Lá era seguro. Mais tarde foi lá que cometemos nossos crimes. Por algum tempo eu era excelente na escola, na sala de aula e nos esportes. Era pequeno para a minha idade, mas fazia parte dos times de vôlei e de futebol. Não tínhamos um time de basquete na minha escola, mas sempre jogávamos no parque. A prática de esportes era o único momento da minha vida em que eu sabia o que fazer o tempo todo. Porém, as lições daquela aula do sexto ano me abalaram de um jeito indescritível. Fiquei na escola mais três anos, mas no fundo eu já estava farto de lá. Voltei minha atenção para a rua e aprendi rapidamente que, nela, todos tinham uma escolha: ser um coelho ou um lobo. Eu escolhi ser um lobo.

Anos 1960

Onde a justiça é negada, onde a pobreza é imposta, onde prevalece a ignorância e onde qualquer classe é levada a sentir que a sociedade é uma conspiração organizada para oprimi-la, roubá-la e degradá-la, nem pessoas nem propriedades estarão a salvo.

— Frederick Douglass

AMOSTRA

Capítulo 2

Os High Steppers

Comecei a andar com outros meninos no Treme quando tinha mais ou menos doze anos. Eu trabalhava no armazém fazendo raspadinha, copos de gelo triturado coberto com xarope de cana saborizado. Quando o dono não estava olhando, eu dava raspadinhas para os meus amigos pela janela dos fundos. À noite, ficávamos sob um poste de luz na esquina da Dumaine com a Robertson e passávamos horas falando besteira, nos gabando de coisas que nunca fizemos, descrevendo garotas que nunca conhecemos. Todos me chamavam de Fox.

Depois da escola, nos encontrávamos e descobríamos maneiras de conseguir coisas que não tínhamos. Roubávamos pão de caixas que ficavam do lado de fora das lojas e entrávamos de fininho no cinema para assistir a filmes. Por dinheiro, cantávamos e dançávamos no Bairro Francês ou roubávamos flores do cemitério e as vendíamos a turistas na Bourbon Street. Para comer, nos encontrávamos na padaria da Orleans Avenue antes do amanhecer e roubávamos pãezinhos e doces confeitados de caminhões de entrega estacionados atrás de uma cerca alta com arame farpado. Pular aquela cerca era moleza, bastava ter uma fronha ou um pano para proteger as mãos. Tirávamos uma bandeja de assados da parte de trás de um daqueles caminhões, jogávamos em um saco e corríamos pelos trilhos até a Brown's Velvet Dairy para roubar leite ou sorvete de seus caminhões. Levávamos tudo para o parque e comíamos até não poder mais.

Quando ouvimos falar de um show no Auditório Municipal, escalamos o muro de trás até uma janela aberta no segundo andar, descemos correndo as escadas e cobramos a entrada das crianças pela porta dos fundos. Quando o Ringling Bros. Circus chegou à cidade, nos candidatamos a empregos diurnos

para alimentar e dar água aos animais. Nosso trabalho consistia em empilhar feno na frente dos elefantes e cavalos, limpar o estrume e transportar água para os tigres enjaulados. Quando não tinha ninguém olhando, deixávamos nossos ancinhos e pás na palha, escapulíamos e encontrávamos uma porta dos fundos desprotegida, onde deixávamos nossos amigos entrarem de graça e cobrávamos a entrada dos outros.

Nunca achamos que estávamos cometendo crimes. Achávamos que estávamos passando a perna no mundo. Mas ficávamos de olho na polícia. Às vezes, vinham atrás de nós se vissem um grupo de crianças negras, independentemente do que estivessem fazendo. Tínhamos que ficar especialmente atentos no Bairro Francês, onde “batucávamos” em caixas de papelão na Bourbon Street. Naquela época, se a polícia nos pegasse, tomava nosso dinheiro e nos batia até que fugíssemos o mais rápido possível.

Minha mãe previu o futuro e tentou evitar que eu fosse para a cadeia. Dizia: “Se eu o pegar roubando ou fazendo algo errado, vou lhe dar uma surra. Não quero você roubando por aí como um criminoso idiota.” Se me visse na rua com um garoto que ela achava ser um problema, ia até nós e me dizia para ir para casa. Lá, ela gritava comigo e eu respondia gritando. Não achava que ela tivesse o direito de me dizer o que fazer. Não queria que me controlasse. Algumas vezes ainda tínhamos momentos carinhosos, quando eu me sentava perto dela e conversávamos com seu braço ao meu redor. Ela adorava meu cabelo. Aos treze anos, porém, eu já não a obedecia mais. Ela me dizia para chegar em casa até um determinado horário e eu não chegava. Meus amigos e eu estávamos nos virando para sobreviver e adorávamos ser bons nisso. Eu chamo esse período da minha vida de culpa da inocência. Não sabíamos de nada.

Por volta dessa época, começamos a nos ver como uma gangue e nos autointitulamos Sixth Ward High Steppers, um nome que achávamos que nos fazia parecer vencedores. Ao fazer parte de uma gangue, defender o território é crucial. Tive que aprender a lutar. Não era um lutador nato, então a princípio eu evitava. As brigas na verdade me deixavam fisicamente mal. Quando via meninos da minha idade brigando contra meninos maiores e mais velhos, eu achava que eles tinham algo que eu não tinha. Ficava me perguntando se eu era um covarde.

Meu amigo Frank estava me pressionando para lutar contra um cara da minha idade chamado Lawrence, que me humilhava constantemente. Se eu estivesse comendo um sanduíche e ele aparecesse, ele o pegava e comia. Uma vez pegou meu cinto. Na maioria das vezes exigia que eu lhe entregasse todo o dinheiro que tinha comigo. Eu tinha pavor de Lawrence, que era maior do que eu.

“Você não pode deixá-lo fazer isso com você, Fox”, disse Frank. “Quando é que vai se defender?”

A próxima vez que vi Lawrence foi no terreno neutro da Orleans Avenue. Eu estava com medo, mas dessa vez, quando Lawrence me empurrou, virei a mão e o acertei na cabeça. Foi quando aprendi que coragem não significa não ter medo, significa dominar esse medo e agir apesar dele. Lawrence e eu brigamos e não paramos até que eu me levantei e ele não. Por um tempo, brigávamos sempre que nos víamos. Até que ele desistiu. Nunca mais deixei que o medo me impedisse de fazer alguma coisa.

Não queríamos ser pegos no território de outra pessoa, mas se houvesse uma festa fora da Sixth Ward, nós arriscávamos. Se fôssemos confrontados por outra gangue, nossa resposta era ficar e lutar ou fugir. Quando membros de gangues de outras Wards invadiam nosso território, dávamos uma surra neles ou os expulsávamos. Ninguém tinha armas naquela época; as brigas eram apenas com os punhos. Os membros de gangues nunca atacavam os familiares de outros membros de gangue. Se houvesse uma rixa entre as gangues, ficava entre elas. Estava claro que a família era zona proibida. Todos honravam isso. Depois de cada briga, ainda me sentia mal e saía para ficar sozinho, mas não contava a ninguém. Quando estava no meio da minha adolescência, tinha a reputação de ser muito durão. Só eu sabia que não era assim.

Nas noites quentes de verão, quando os mosquitos quase nos devoravam, invadiamos a piscina ao lado do parque e a enchíamos de água. Acendíamos as luzes dobrando a tampa da caixa de distribuição para alcançar o interruptor. Então ligávamos a bomba e deixávamos a água correr até que a piscina estivesse cheia. As pessoas vinham de projetos habitacionais próximos para nadar. Às vezes, os funcionários do parque chegavam, desligavam tudo e mandavam todos para casa. Se a polícia chegasse, todos saíam correndo. Se uma criança fosse pega, era enviada para o centro de detenção juvenil. Um adulto seria acusado de

invasão de propriedade. Na maioria das vezes, a polícia não aparecia. Quando terminávamos de nadar, esvaziávamos a piscina e apagávamos as luzes.

No geral, sabíamos como evitar a polícia. Viaturas circulavam a vizinhança todos os dias no mesmo horário, como um relógio, e não saíamos nessas horas. Se aparecessem inesperadamente, entrávamos em casa ou em um beco para evitar os policiais. Ou corríamos para nos dispersar. Corríamos e éramos perseguidos, mesmo quando não estávamos fazendo nada de errado. Fiquei muito bom em pular cercas quando era perseguido pela polícia. Se nos pegavam por algum crime real ou imaginário, nos batiam com os punhos e cassetetes ou porretes, que chamávamos de chibata, pelo barulho que faziam quando nos atingiam. Eles nos revistavam em busca de dinheiro, embolsando o que encontravam. Por um tempo, nos deixavam ir; quando ficamos mais velhos, nos arrastavam para o centro de detenção juvenil. Nunca nos ocorreu contar a alguém que eles nos batiam ou roubavam. Apenas aceitávamos. A vida era assim naquela época.

Quando eu tinha 14 anos, minha mãe me perguntou se eu queria conhecer meu pai verdadeiro, Leroy Woodfox. Fiquei surpreso porque não sabia que eles mantinham contato. Meu primeiro pensamento foi “não”. Tudo o que eu sabia do meu pai biológico era que ele tinha abandonado minha mãe quando ela estava grávida de mim.

“Por quê?”, perguntei.

“Ele disse que gostaria de conhecer você”, respondeu. Ela me deu o endereço de sua lavanderia a seco, que ficava próxima. Eu não estava realmente curioso sobre ele, mas achei que poderia descolar algum dinheiro, então fui. Quando entrei, o vi imediatamente. Eu era a cara dele. Não me lembro do que conversamos, mas não falamos muito. Ele se ofereceu para lavar algumas de minhas roupas. Poucos dias depois, levei algumas calças que ele jogou em uma pilha de roupas no canto e me disse para voltar dali a alguns dias. Quando voltei para buscá-las, vi logo de cara que ainda estavam na pilha do canto. Eu me virei e fui embora, largando as roupas lá. Nunca mais o vi.

Uma das minhas atividades era trabalhar nos barcos de camarão na Paróquia de St. Bernard, carregando enormes sacos de camarão e ostras até um depósito. Lá, mulheres ficavam em volta de uma mesa abrindo ostras e colocando-as em latas com capacidade de 4,5L, com suco e tudo, uma atrás da outra.

Elas acabavam com um saco de ostras mais rápido do que qualquer coisa que eu já vi. Parte do meu pagamento era em ostras e camarão, que eu levava para casa. Acho que foi nesse depósito que ouvi dizer que o furacão Carla estava chegando e que, quando tocasse o chão, seria a “tempestade do século”. Sempre gostei de ficar no quintal durante uma tempestade para ouvir a chuva e fiquei imaginando qual seria a sensação de um furacão. Ele atingiu o Texas no dia 11 de setembro de 1961 e gerou tornados que atingiram a Louisiana. Na manhã da tempestade, fui até o Lago Pontchartrain, nos degraus do quebra-mar onde brincava quando era mais novo. Não contei a ninguém para onde estava indo. Minha mãe teria me dado uma surra se soubesse. Na maré baixa, podíamos ver nove ou dez degraus de pedra subindo da beira da água até a costa; na maré alta, os degraus ficavam submersos. Quando cheguei lá, estava chovendo forte e a maré havia subido. Procurei um lugar para ficar. Achei que a água não ultrapassaria o paredão, mas para ter certeza cruzei a estrada do lago, me recostei em uma árvore robusta e me amarrei pela cintura com uma corda para que eu não fosse carregado.

Eu já estava completamente encharcado de chuva. Agora o vento me atingia, vindo principalmente da lateral. Em geral, o Lago Pontchartrain parece um espelho. Por muito tempo, observei ondas gigantes surgirem no lago. Quando percebi que a água tinha ultrapassado o quebra-mar, ela já havia passado da grama e estava quase na estrada ao longo da margem do lago. Fiquei surpreso ao vê-la deslizar pela estrada na minha direção. Quando a água cobriu meus pés, coloquei as mãos na corda, pronto para desamarrá-la. Ao atingir meus joelhos, eu me desamarrei e avancei contra o vento para um terreno mais alto, depois voltei para casa.

Pouco tempo depois desse episódio, meu padrasto apareceu em casa trazendo minha irmã Violetta e meu irmão James. Não os víamos há três anos. Depois de deixá-los, nunca mais vimos Papai. Minha mãe deu a Vi o beliche de cima e os meninos dividiram o de baixo, até que ela arranjou um sofá-cama para Vi dormir. Era apertado, mas, de qualquer forma, eu quase não dormia em casa. Meu irmão Michael se lembra de eu estar em casa naquela época, certificando-me de que todos haviam chegado depois da escola e que jantassem. Haywood, meu irmão mais novo, diz que eu era como um pai para ele. Mal me lembro dessa época, a vida lá fora me consumia. Logo, surgiu uma nova figura paterna para meus irmãos e irmã. Seu nome era Jethro Hamlin. Todos o chamavam de

Pop Skeeter. Ele amava minha mãe. Diziam que se Ruby falasse “Pule”, Pop Skeeter perguntava: “A que altura?” Mestre carpinteiro, ele construiu armários e prateleiras em nossos dois quartos dos fundos para torná-los mais habitáveis. Deu estabilidade para minha família. Anos depois, minha mãe e Pop Skeeter se casaram. Ele ficou com ela pelo resto da vida, apesar de todas as dificuldades.

A maior parte do dinheiro que nossa gangue ganhava naqueles anos era com o estacionamento ilegal de carros, uma atividade antiga que foi passada de geração em geração. Nas noites de fim de semana, meus amigos e eu íamos ao Bairro Francês ou aos arredores do Auditório Municipal e acenávamos para os motoristas que procuravam vagas para estacionar. Em troca de um dólar, mostrávamos a eles onde estacionar, direcionando-os para vagas ilegais em becos, atrás de prédios, em colinas ou mesmo em terreno neutro. Sempre ficávamos surpresos com o fato de as pessoas estacionarem seus carros onde quer que mandássemos. Sempre dizíamos “não se esqueça de trancar o carro” para ganhar a confiança deles. Em uma noite boa, ganhávamos US\$50 estacionando carros. Quando os policiais ficavam entediados, apareciam com cães em busca de alguma coisa para fazer. Eles sabiam que estaríamos lá e tentavam nos surpreender. Quando alguém os via, gritava “Polícia!” e todo mundo caía fora. Uma vez, quando eu estava fugindo, um dos cachorros me pegou. Uma das “recompensas” para um cão policial naquela época era o que chamávamos de “uma mordidinha”, quando o oficial ficava parado e deixava o cachorro morder a pessoa que ele pegou, geralmente enquanto ela ainda estava deitada no chão. Esse policial deixou seu cachorro mastigar minha coxa. Às vezes nos deixavam ir embora, outras nos levavam para o centro de detenção juvenil. De vez em quando, os policiais do centro juvenil também faziam batidas na nossa operação. Alguns deles eram negros. Um deles era o Sr. Green, professor substituto de Educação Física da minha escola. Ele conhecia todos nós. “Estou de olho em você, Woodfox”, gritava atrás de mim.

Não havia como ele me pegar.

“Vou pegar você na escola amanhã”, gritava. “Vou ligar para a sua mãe!”

Tudo isso fazia parte do jogo. Ambos sabíamos que ele não ligaria para minha mãe. Ele não me pegaria na escola no dia seguinte, ou em qualquer dia. Era como se estivéssemos representando papéis, determinados com antecedência, sem saber o porquê. Ele provavelmente estacionava carros na minha idade.

Conversas como essa ocorreram durante toda a minha infância. A história sempre se repetia. Elas nos mantinham unidos e nos distanciavam.

Minha primeira prisão foi por estacionar carros. O centro de detenção juvenil era uma casa na Rua St. Philip. As mesas e cadeiras nas quais os oficiais se sentavam foram arrumadas no que seria a sala de estar. Os quartos foram convertidos em celas. As janelas do primeiro andar tinham grades, mas eles não achavam que alguém seria louco o suficiente para pular do segundo andar, então não colocaram grades no andar de cima. Oficialmente, não era possível sair do centro de detenção juvenil até que um adulto chegasse para liberá-lo. Às vezes, quando um dos pais chegava, ele assinava pelo filho e todos os seus amigos. Normalmente, eu não ficava sentado esperando para ver quem viria, porque não queria que minha mãe soubesse que eu tinha sido preso. Eu me espremia por uma janela parcialmente aberta de uma das celas do segundo andar, me pendurava no parapeito e me largava no chão. Se minha mãe descobrisse, ficaria zangada. Ela reclamava de mim, mas não podia fazer nada. Quando eu era mais novo, podia chicotear meu traseiro com uma vara ou com o cabo do ferro de passar, mas depois de certa idade eu não aceitava mais esse tipo de punição.

No segundo ano do ensino médio, fui suspenso por bater em uma menina. O fato aconteceu em uma assembleia escolar. Eu era o representante da minha turma, então estava no palco com a menina que era a presidente da classe. Ela me disse na frente de todos os alunos que se incomodava com a minha camiseta porque estava para fora da calça, que era a moda na época. Falei para ela cuidar da própria vida e ela me deu um tapa na cara. Sentei na minha cadeira no palco. A humilhação de levar um tapa na frente de todos se repetiu diversas vezes em minha mente durante a assembleia. Quando a reunião terminou, peguei uma cadeira dobrável de uma pilha e acertei a menina pelas costas, nocauteando-a. Felizmente, ela ficou bem, mas o diretor me suspendeu e me disse para aparecer no dia seguinte na escola acompanhado da minha mãe. Quando cheguei em casa, não lhe contei o ocorrido. Fingi ir à escola todos os dias durante um ano até que ela descobrisse.

Depois que fui expulso da escola, tive mais tempo disponível e comecei a arriscar mais. Eu entrava na casa de estranhos quando eles saíam para que pudesse ficar a sós com minhas namoradas. Invadia lojas à noite e roubava di-

nheiro diretamente das caixas registradoras. Nada em meus dias ou noites era planejado. Nunca considerei as consequências de meus atos.

Eu tinha muitas namoradas, mas não era fiel ou leal a nenhuma delas. Quando tinha 16 anos, saí com uma menina muito bonita, ingênua e impressionável com quem estudei no ensino médio, chamada Barbara. Eu a engravidei. Não estávamos juntos quando nossa filha nasceu em janeiro de 1964, mas quando soube que ela tinha dado à luz, fui visitá-las no hospital. A visão de um bebê recém-nascido, minha filha, era estranha para mim. Barbara a chamou de Brenda. Eu não achava que tinha sentimentos naquela época, mas algo me fez querer manter Brenda em minha vida. Concordei em me casar com Barbara. Um pastor realizou a cerimônia na sala de estar da mãe dela e nos mudamos para um pequeno apartamento no andar de baixo. Isso durou cerca de três meses até que a rua me chamou de volta e eu as abandonei.

Minha única sensação de alívio e libertação naqueles anos vinha das corridas de cavalos com meus amigos. Havia um estábulo na Rua St. Ann que abrigava os cavalos usados para puxar as carruagens de turistas no Bairro Francês. À noite, meus amigos e eu entrávamos escondidos no estábulo, pegávamos os cavalos e os levávamos até o parque. Não tínhamos selas, então corríamos sem. Corríamos com aqueles cavalos até suas bocas espumarem. O único momento da minha vida em que não tinha medo de ir para a cadeia era quando cavalgava. Meu único medo era não poder mais cavalgar.